

**Universidade Estadual de Goiás
Câmpus Itaberaí**

Edna Aparecida Correa Gracia
Maria do Carmo Oliveira Silva

**A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM
CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS DE IDADE**

ITABERAÍ
2014

Edna Aparecida Correa Gracia
Maria do Carmo Oliveira Silva

**A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM
CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS DE IDADE**

Trabalho Final de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Goiás, Câmpus
Itaberaí, como requisito parcial para a
conclusão do curso de graduação em
Pedagogia, sob orientação da Professora
especialista Lílian Barbosa Morais.

ITABERAÍ

2014

Primeiramente a Deus, por nos capacitar, encorajando-nos e fortalecendo-nos em todos os momentos de nossas vidas, em especial, conduzindo-nos a concluir o curso de Pedagogia.

Aos nossos familiares e amigos que contribuiriam apoiando e nos fortalecendo nas diversas situações. A todos os professores, que durante esses quatro anos de curso, nos instigaram a buscar novos conhecimentos, tanto profissional quanto de vida. Em especial a nossa orientadora e professora Lílian Barbosa Morais que não mediu esforços participando e colaborando conosco nesta etapa tão importante, possibilitando a realização e conclusão deste trabalho.

"A música não é uma linguagem universal, mas sim é formada de acordo com a cultura da qual é parte. [...] Ela transmite emoção ou algo similar à emoção, para aqueles que compreendem seu idioma. O fato de que a música é compartilhada como uma atividade humana por todos os povos pode significar que ela comunica uma determinada compreensão simplesmente por sua existência".
Allan Merriam

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa bibliográfica aborda a contribuição da música no desenvolvimento da linguagem em crianças de zero a três anos de idade. Buscou mostrar o contexto de significados que a música tem no desenvolvimento humano, principalmente no âmbito infantil. Nesta construção bibliográfica, utilizou-se de constructos teóricos dos estudos de Jeandot (1997), Brito (2003), Bréscia (2003), Bee (2003), Valmaseda (2004), Gainza (1988) dentre outros. Foi proposto, no primeiro capítulo, um breve estudo sobre a história da música, iniciando com os homens primitivos na produção de sons que gradativamente se tornaram intencionais e voltados para o prazer de ouvir e o fazer musical. Salientou-se também sua importância em muitas civilizações antigas como os gregos e romanos; bem como no contexto religioso, sendo apresentado nos Salmos trazidos na Bíblia. Propôs-se busca e análise dos conceitos sobre o que é música, abordando o gosto por ela em diferentes países e a mistura de ritmos na música brasileira. Ressaltou-se a discussão sobre sua presença no ensino das crianças na Educação Infantil, destacando aspectos legais e suas diretrizes. O segundo capítulo tratou dos argumentos de como a música favorece no desenvolvimento das crianças dentro do processo educativo. Buscou-se embasamento teórico nas grandes teorias sobre o desenvolvimento infantil, que mostram como a criança desenvolve em seus aspectos de personalidade, cognição, sociabilidade e linguagem. O terceiro capítulo seguiu abordando o desenvolvimento infantil até o terceiro ano de idade, com enfoque para as contribuições da música, na aquisição da linguagem, destacando-se observações sobre a interação da criança com a música, desde o início da vida, reagindo a sons com movimentos oculares e balbucios. O foco foi explicar o uso da música como instrumento para desenvolver a linguagem das crianças de até três anos de idade, desenvolvidos na Educação Infantil, com uso da música nas salas de aula e em momentos de lazer, como nas cantigas de roda, de ninar e lengalengas, permitindo aumentar o repertório e o estímulo motor, mas também o aparato vocal, desenvolvendo a fala e favorecendo seu domínio de forma prazerosa. Considerando o estudo das teorias explanadas, foi possível perceber como se faz necessário que a criança receba estímulos, sempre que possível, para assim ampliar suas habilidades, vocabulário e apropriação da linguagem, dentro de um contexto reflexivo e educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Música. Linguagem. Desenvolvimento. Educação Infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. UM BREVE HISTÓRICO DA MÚSICA	9
1.1 História da música	9
1.2 Estudo da música na educação infantil	16
2. DESENVOLVIMENTO INFANTIL: A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM	20
2.1 Desenvolvimento cognitivo e social na primeira infância (zero a três anos de idade)	21
2.2 Desenvolvimento da linguagem nas crianças de zero a três anos de idade	24
3. CONTRIBUIÇÕES DO USO DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS DE IDADE	28
3.1 Ações educativas e o uso intencional da música como elemento de contribuição para a aquisição da linguagem com crianças de até três anos de idade	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	36

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática o entendimento da música como contribuinte para o desenvolvimento infantil. É, sem dúvida, uma fonte inesgotável de estímulo, e sua prática estabelece no indivíduo uma sensação de felicidade. Acima de qualquer argumento, sabe-se que a música é, foi e sempre será uma excelente fonte de comunicação e expressão humana. Hoje, com a rapidez dos meios de comunicação, a música compartilha com o mundo as características de cada país, sua identidade social, sua cultura, sua história. Tem a possibilidade de trabalhar a audição, a reprodução, a improvisação, a criação, a representação mediante o movimento e a dança. Essas atividades auxiliam concretamente no desenvolvimento infantil, além de despertar a sensação de prazer e felicidade.

A motivação em pesquisar este tema parte da percepção, no decorrer do estágio, do quanto a música se impõe como uma das expressões artísticas mais sinceras e afetivas e que, justamente por esse motivo, atrai o universo infantil. A contribuição da musicalidade na pré-escola é clara e evidente, além de ser uma atividade prazerosa, que auxilia no desenvolvimento cognitivo, social, da personalidade e da linguagem dos pequenos educandos.

Para tanto, utilizou-se o método qualitativo mediante levantamento bibliográfico, através de análises de livros e artigos. Essa pesquisa busca embasamento teórico em autores conceituados, pesquisadores da música como um elemento que possa favorecer a aprendizagem da criança em diferentes fases de seu desenvolvimento, em especial, na aquisição da fala ou linguagem oral.

Nesse sentido, esse trabalho monográfico tem por objetivo geral analisar a relevância da música para o desenvolvimento de crianças entre zero e três anos de idade. Busca, diante das abordagens, elucidar pontos relevantes no uso da música nas salas de Educação Infantil e no desenvolvimento da linguagem das crianças neste período educacional e, desta forma, a possibilidade de consolidação de conceitos específicos sobre música, visto que as reflexões assumem significados diferenciados, dependendo da cultura, política, ciência, religião, artes e época.

E, como objetivos específicos, entender a música como um recurso didático que auxilia no desenvolvimento da linguagem na criança nessa faixa etária e refletir sobre a ação do professor como mediador dessa construção.

O texto monográfico é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo busca conhecer e contextualizar a história da música em diferentes lugares do mundo e períodos da história; conhecer a história da música, que se inicia com a aquisição de sons pelo próprio homem, é uma forma de dialogar sobre suas possíveis contribuições para o desenvolvimento da linguagem de crianças entre zero e três anos de idade. No segundo capítulo, discute-se sobre o desenvolvimento da criança em alguns aspectos ligados à aquisição de linguagem e interação com o mundo para, assim, construir um paralelo entre as possibilidades de desenvolvimento da linguagem da mesma com o uso da música. O terceiro capítulo propõe um debate mais direcionado para o desenvolvimento da linguagem em crianças de zero a três anos, tendo a música como instrumento de mediação no desenvolvimento da linguagem destas crianças.

1. UM BREVE HISTÓRICO DA MÚSICA

Sabe-se que a música acompanha os seres humanos desde os tempos remotos. Falar da música como elemento contribuidor no desenvolvimento da linguagem em crianças de zero a três anos pede um olhar sobre a história da música, buscando, com o auxílio de alguns autores, conhecer e compreender como a música passou a fazer parte da vida do homem, trazendo a possibilidade de seu uso como mecanismo no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com estudos de alguns autores, a música sempre esteve presente na vida dos seres humanos, desde os tempos dos primatas, pela necessidade de se comunicar, através de gritos, sons corporais, o bater de objetos como pedras ou ramos de árvores. Não havia ainda intenção de produzir música, percebe-se que a música se inicia a partir do momento que, intencionalmente, o homem produziu sons.

Jeandot (1997, p.14) afirma que "a música primitiva não constitui uma arte propriamente dita, mas um instrumento indispensável à vida cotidiana do homem natural". Era usada pelo homem apenas como um objeto essencial ao cotidiano para demonstrar seus desejos e sentimentos, não a instituindo como manifestação artística intencional ou uma forma de arte. Contudo, foi com o uso de material rudimentar para extração de sons, aperfeiçoados junto com a evolução da própria espécie humana, que sua utilização em diversos momentos da vida cotidiana se tornou bem variados, no decorrer do processo de evolução das civilizações humanas, e contribuíram para o surgimento da música.

1.1 A história da música

Pode se afirmar que a música surgiu a partir da intencionalidade dos seres humanos primitivos em produzir sons agradáveis e rítmicos, com manuseio de objetos variados. É a partir daí, e com a evolução da própria espécie humana, que ocorre a evolução musical, começando a música a exibir formas intencionais relacionadas à magia, à metafísica, à saúde e também em festas, guerras e rituais religiosos, desenvolvendo, assim, vários estilos musicais e instrumentais.

Brito (2003, p. 25) relata que "existem muitas teorias sobre a origem e a presença da música na cultura humana". Mas é possível destacar, a partir de

estudos, que a música, como a pintura e os ritos místicos, acompanha a evolução histórica da humanidade desde os primórdios do *homo sapiens*.

Jeandot (1997, p. 14) traz a ilustração da imagem da **Vênus de Laussel**, uma escultura gravada na pedra com aproximadamente 28.000 anos, encontrada na cidade de Périgord, na França, que em sua mão possui uma representação de chifre de animal que poderia ser, como relata a própria autora, um instrumento musical utilizado pelos homens primitivos na produção de sons musicais. Como este suposto objeto de sopro presente nas mãos da **Vênus de Laussel**, outros achados arqueológicos trazem indícios que os homens primitivos utilizavam a música em diversas situações cotidianas, com a presença de instrumentos musicais rústicos. O que demonstra que a produção de sons era baseada na necessidade eminente de trocar informações ou na busca de saciar suas necessidades primitivas de impor medo, expressar superioridade frente a outros membros de seu grupo.

Mais tarde esta produção de sons se tornou algo voltado para agradar, como mostra Jeandot:

Aos poucos, o homem aprendeu a selecionar, entre a matéria, o que produzia sons agradáveis: a ressonância da madeira preparada, da pele esticada, da corda vibrando o encantou. Ele destaca e produz os primeiros timbres. O som metódico aparece, fascinando-o. É o despertar de sua consciência estética (1997, p. 14, 15).

Esta seleção de matérias para produzir sons traz a intencionalidade nascente no fazer musical preocupado com os detalhes rítmicos e timbres, destacando o fascínio que o homem sempre nutriu pela sobreposição e entrelaçar dos acordes musicais e rítmicos.

É possível crer que, assim como o homem primitivo se espalhou pelo território mundial e nele se desenvolveu, a música, junto com os diferentes instrumentos musicais, foi se desenvolvendo e aperfeiçoando, a partir da vivência das civilizações humanas. Jeandot continua dizendo:

A música não nasceu das reflexões de Pitágoras, nem do estudo das cordas ou das lâminas que vibram. Ela é resultado de longas e incontáveis vivências individuais com a música e de civilizações musicais diversas. Não podemos, portanto, nos espantar ao depararmos com novas experiências que nos revelam as várias facetas – concretas e abstratas – de que a música é constituída.

Todas essas questões sobre a essência da música acabam por ser respondidas a partir das especificidades culturais de cada povo e, em casos especiais, de alguns indivíduos (1997, p. 15).

Nota-se, para essa autora, a relevante contribuição para a história da música que povos específicos como os egípcios, gregos e os romanos trazem, pelo fazer artístico, e o uso da música como de grande importância para o processo educacional.

Nestas civilizações, destacam-se princípios fundamentais para a evolução da música que se creem indispensáveis para a consolidação do presente trabalho, sem, no entanto, desprezar a diversidade das especificidades culturais de cada povo e indivíduo, como Jeandot (1997) descreveu.

Observações em pinturas e esculturas encontradas em escavações arqueológicas referentes a civilizações mesopotâmias e egípcias, em períodos anteriores ao nascimento de Cristo, mostram a relação do homem com a música, tendo esta como instrumento ritual religioso e de distração cultural.

Nestas pinturas e esculturas, é possível visualizar instrumentos musicais utilizados até os dias atuais como as harpas, flautas, tambores, dentre outros. Ilustrando a intencionalidade do homem em produzir sons ritmados, podemos observar nas pinturas egípcias contidas em túmulos egípcios, datadas da 18ª Dinastia.



Figura 01 - Músico do faraó.
Fonte: <http://4a-2013-02.bligoo.com.br/evolu-o-da-musica-9834>.



Figura 02. Músicos de Amon, Tumba de Nakht. 18ª Dinastia, Tebas Ocidental.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

Os gregos e os romanos também davam grande importância para a música no contexto da sociedade em seus diferentes momentos. Estas sociedades valorizavam a arte e a cultura, como podem ser vistos em pinturas e esculturas

encontradas em suas cidades antigas, que datam de períodos anteriores ao nascimento de Cristo, marco temporal das civilizações ocidentais.



Figura 03 – Pintura grega representando a música.

Fonte:

<https://orbemusical.wikispaces.com/Edad+Antigua.+La+M%C3%BAsica+en+Grecia>

Sobre os gregos e a música, por exemplo, Roschel (2012) destaca que o surgimento da música grega estava ligado à mitologia de seus deuses, citando a história da morte dos Titãs:

Conta-se que depois da vitória dos deuses do Olimpo sobre os seis filhos de Urano (Oceano, Ceos, Crio, Hiperião, Jápeto e Crono), mais conhecidos como os Titãs, foi solicitado a Zeus que se criasse divindades capazes de cantar as vitórias dos Olímpicos. Zeus então partilhou o leito com Mnemosina, a deusa da memória, durante nove noites consecutivas e, no devido tempo, nasceram às nove Musas. Entre as nove Musas estavam Euterpes (a música) e Aede, ou Arche (o canto) (2012, p. 01).

Ainda neste artigo, esse autor observa que a música se faz presente também em diferentes trechos bíblicos do Antigo Testamento, com mais de três mil anos, revelando a produção musical com o uso de diferentes instrumentos musicais, bem como da música, em situações cotidianas e na reverência religiosa e às divindades da época.

Deste modo, ao analisarmos as escrituras bíblicas, vemos muito presente a música na vida das diferentes civilizações ali descritas. Destaca-se, no entanto, o livro bíblico dos Salmos, que é um conjunto de melodias escritas para serem

cantadas ao som de instrumentos como a harpa, durante momentos religiosos. Como pode ser observado na Bíblia Sagrada (2004) no Salmo 81:

Cantai alegremente a Deus, nossa fortaleza; celebrai o Deus de Jacó. Tomai o saltério e trazei junto o adufe, a harpa suave e o alaúde. Tocai a trombeta na festa da Lua Nova, no tempo marcado para nossa solenidade. Porque isto é um estatuto para Israel, e uma ordenação do Deus de Jacó (p. 666).

E a importância da música e o destaque recebido por ela são percebidos também no Salmo 137, que diz:

Junto aos rios da Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros, que há no meio dela, penduramos as nossas harpas. Porquanto aqueles que nos levaram cativos nos pediam uma canção; e os que nos destruíram, que os alegrássemos, dizendo: Cantai-nos um cântico de Sião. Mas como cantaremos o cântico do SENHOR em terra estranha? (BÍBLIA SAGRADA, 2004, p. 697).

É possível observar nos trechos dos Salmos citados acima que a música estava constantemente presente na vida cotidiana do homem e muito fortemente ligada a sua religiosidade e aclamação dos feitos do seu grupo social.

Mas é no período da Renascença, século XIV, que a música sacra se mistura com a música popular, tida como profana, e toma aspectos mais cotidianos na vida das pessoas, se tornando algo mais comum e voltado para o dia a dia das pessoas comuns (JEANDOT, 1997).

No Brasil temos da mesma forma, um entrelaçar da história musical mundial, mas também uma construção particular, a partir da integração entre as manifestações das três etnias que formam nossa nação: negros, índios e brancos.

Jeandot (1997) destaca ainda que:

Todo povo tem sua história musical. A nossa é muito rica, pois a música popular se desenvolveu sob a influência das três raças – a negra, a branca e a indígena –, que, ao interagirem, criaram novas formas. [...]

[...] As primeiras manifestações musicais genuinamente brasileiras surgiram por volta de 1550, nas plantações de cana e nos engenhos de Pernambuco. Pela primeira vez, ali se reuniram o branco, o negro e o índio. Segundo alguns historiadores, o primeiro espetáculo musical brasileiro realizou-se no adro da Igreja da Misericórdia, em

Salvador, em 1553: era um drama sacro, com letra e música do Padre José de Anchieta, intitulado Mistério de Jesus (p. 120).

A autora acrescenta ainda, sobre a história da música brasileira, que não houve uma maior integração entre as manifestações das três raças, mas imitações de melodias sacras pelos brancos, cadências dos negros e com pouca participação dos elementos índios.

Cada grupo trouxe sua contribuição para a música brasileira atual, com ritmos próprios e uso de instrumentos ligados à história de cada uma dessas três raças onde, segundo Jeandot (1997), o gênero musical, com frequência, confunde-se com o da própria dança.

A autora acrescenta ainda que se exigiu muito tempo para o surgimento de um gênero musical particularmente brasileiro, dando origem à música popular brasileira (meados do século XVIII com Domingos Caldas Barbosa e a música “A minha laiá”). Entretanto, a música popular brasileira só iria se firmar em meados do século XIX, com a exigência das classes populares, muitas vezes marginalizadas, que passaram a exigir um tipo novo de criação musical.

Nomes como Chiquinha Gonzaga, Donga, Pixinguinha, Sinhô, Luiz Gonzaga, dentre outros, se tornaram sinônimos da música popular brasileira e permitiram que novos estilos e arranjos musicais firmassem as raízes de nossa cultura musical.

Contudo, tanto no Brasil como no mundo, não existe um único estilo musical, pois tão variados quanto são os instrumentos musicais, também são os ritmos e melodias. Portanto, neste contexto, faz-se necessária uma reflexão sobre os conceitos estabelecidos acerca da música.

Brécia (2003, p. 25) completa afirmando que a música é uma “combinação harmoniosa e expressiva de sons e, como arte de se exprimir por meio de sons, segue regras variáveis conforme a época, a civilização, etc”.

No contexto histórico da música e apropriação musical pela humanidade, é importante destacar que “coube aos gregos a valorização da linguagem musical na educação e a difusão do início da música na educação” (Rosa, 1990, p. 13). A Grécia, como berço de muitos conceitos e saberes artísticos das civilizações atuais, tinha para com a música muita apreciação.

Roschel (2012) contribui trazendo uma definição de música e sua representação no cotidiano do homem:

Portanto, o que se pode dizer é que os povos, na realidade, têm consonâncias e dissonâncias próprias, pois elas representam as suas subjetividades, as suas idiossincrasias, o gosto e o costume de cada povo e de cada cultura.

A música seria, nesse caso, a capacidade que consiste em saber expressar sentimentos através de sons artisticamente combinados ou a ciência que pertence aos domínios da acústica, modificando-se esteticamente de cultura para cultura (p. 02).

Esse autor ainda comenta que no Brasil a música é uma mistura dos ritmos trazidos pelos colonizadores portugueses e europeus com as manifestações já conhecidas pelos índios, o que ocorre principalmente no âmbito das missões jesuíticas, em que a doutrinação dos indígenas era feita também com o aprendizado das músicas sacras em latim que, mais tarde, com a vinda dos africanos escravos, traz a possibilidade de manifestações artísticas com diferentes ritmos e instrumentos musicais já existentes no país.

Brito (2003) também vem colaborar com definição de que seja música, considerando que:

Música não é melodia, ritmo ou harmonia, ainda que esses elementos estejam muito presentes na produção musical com a qual nos relacionamos cotidianamente. Música é também melodia, ritmo, harmonia, dentre outras possibilidades de organização do material sonoro. O que importa, efetivamente, é estarmos sempre próximos da ideia essencial à linguagem musical: a criação de formas sonoras com base em som e silêncio. Como? De muitas maneiras (p. 26).

Neste sentido, como coloca a autora citada, a música é feita de vários arranjos com diferentes materiais sonoros, não se limitando a uma forma padronizada para existir, não sendo obrigatoriamente constituída de “melodia, ritmo e harmonia”, mas podendo se expressar em diversas formas como na própria alternância entre som e silêncio, por exemplo, ou mesmo em ritmos desconexos, quem também formariam uma música livre. Estas diferentes formas de se produzir música exprime sua vasta possibilidade, além de representar elementos particulares de cada geração e grupo humano, o que ilustra mais ainda a vastidão de arranjos e significados que a própria palavra música detém.

Deste modo, detentora de tantos significados, a música torna-se um instrumento relevante na construção cultural da mesma. Ritos e costumes foram passados de geração em geração pelas cantigas e toadas melodiosas, trazendo a música como um elemento presente, desde o nascimento do homem, para a formação de aspectos como o afetivo e de integração e inteiração para com o grupo.

Partindo do pressuposto dessa naturalidade com que a música esteve e está presente no cotidiano da humanidade, é que as instituições de ensino utilizam-na no contexto do processo educativo, seja como forma de lazer, exploração de sons e movimentos ou como uma disciplina específica.

Pensar a música como elemento que contribui para a formação educacional da criança, pede reflexões mais específicas sobre como se dá o estudo da música pelas crianças, em especial da Educação Infantil. Cabe aqui, então, uma observação sobre como se dá e que artifícios garantem o uso da música na Educação Infantil.

1. 2 Estudo da música na educação infantil.

O trabalho com música não é algo novo nas escolas, por este motivo, este tópico pretende refletir sobre como ocorre o estudo da música na Educação Infantil e sob qual parâmetro ele está embasado.

É possível observar que, durante algum tempo, o ensino de música não era ministrado em escolas junto aos currículos comuns dos Ensinos Fundamentais e Educação Infantil. Contudo, com a lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, o ensino de música volta a ser obrigatório nas redes públicas de ensino do Brasil, vindo colocar em prática o que já defendia a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), que preconiza que a música é um conteúdo que pode ser trabalhado nas escolas regulares por professores.

Isto mostra a importância da música para a formação do ser humano em sua plenitude, visto que a mesma faz parte da vivência e da própria história da humanidade. Além do que, seu ensino nas instituições de educação básica permite não só a estimulação e percepção auditiva em contato com diferentes ritmos e timbres musicais, mas também conhecimento e contato com diferentes aspectos de culturas e instrumentos musicais que fazem parte da formação histórico-social da

população brasileira, em particular, e dos aspectos regionais em que a escola está inserida.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, "a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento entre o som e o silêncio" (BRASIL, 1998, p. 45).

O estímulo musical é destacado pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil como forma de desenvolvimento cognitivo, intelectual e de aspectos mais objetivos como a fala e a expressão corporal.

A Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, ao fixar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil na parte dos princípios, legisla que:

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

- ✓ Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.
- ✓ Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.
- ✓ Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (p. 16).

Fica bem claro, neste tópico referente aos princípios estéticos, a livre expressão artística e cultural possível também através de aspectos artísticos como a música. A mesma resolução acrescenta ainda, no tópico referente às práticas pedagógicas da Educação Infantil, que os currículos devem garantir experiências que dentre outros aspectos, "favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical" (p. 25).

Autores como Jeandot (1997) defendem a importância do ensino da música e ainda lembram a particularidade que cada povo tem de se expressar através do fazer musical e do uso da palavra, ao escrever que:

[...] Embora a linguagem verbal seja um meio de comunicação e de relacionamento entre os povos, constatamos que ela não é universal, pois cada povo tem sua própria maneira de expressão através da palavra, motivo pelo qual há milhares de línguas espalhadas pelo globo terrestre (p.12).

Tão grande quanto a variação de línguas pelo mundo são os estilos musicais e uso da música nas diferentes sociedades. Segundo essa autora, o que, de modo geral, se torna uma forma singular de expressão dos diferentes povos e os objetivos aos quais ela é destinada sejam no caráter religioso ou na busca de prazer musical capaz de trazer aprendizagens significativas.

Ao apropriar-se do fazer musical, o ser humano busca expressar diferentes momentos e sentimentos de sua vivência através do conjunto de combinações de notas musicais e acordes, transformando as melodias em formas de auto-expressão, mas também de comunhão de ideias, valores e cultura de um grupo de pessoas ou povos, o que favorece o desenvolvimento da linguagem.

Brito concorda ao dizer que:

[...] a música é entendida como um processo contínuo de construção que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir. [...] e destaca a função do meio social e da educação com objetivos socializadores e didáticos (2003, p. 9).

O uso intencional da música como fonte de ensino e aprendizagem permite que se alcance diferentes objetivos didáticos pretendidos pelos educadores e instituições de Educação Infantil. Para tanto, é necessário entender que a criança, desde os primeiros contatos com os pais e grupo familiar, aprende pela observação e imitação. Ao ouvir e reproduzir cantigas, ela vai aprimorando o seu próprio ser, delimitando valores e saberes musicais que lhe permitem controle corporal e, mais tarde, o domínio do seu próprio gosto musical.

Gainza (1988, p. 22), ressalta que: “A música e o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo no homem, impulsionando-o à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidades e grau”. É a experimentação e expressão do seu eu presente na relação direta com a intencionalidade do outro.

Ainda, destacando a história da música e o universo infantil, é importante lembrar que o ninar da criança para dormir ou mesmo aliviar frustrações ou inquietações na fase da primeira infância se dá pelo cantarolar de melodias que também ampliam o vínculo afetivo entre crianças e seus cuidadores.

Com relação a isso Brito (2003) vem dizer que:

O processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música. Nesse sentido, as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvam um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons; os movimentos de troca e comunicação sonoro-musicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com adultos quanto com a música (p. 35).

Em contraste com a suavidade das cantigas de ninar, diferentes ritmos vão sendo agregados aos momentos de lazer e contato da criança com o mundo que a cerca. Ritmos estes que variam de acordo com a cultura, valores e ideias do grupo humano ao qual a criança pertence.

Assim, a música corresponde a vários aspectos ou elementos específicos do homem em diferentes situações, adaptando-se de acordo com a especificidade, exclusividade ou intencionalidade de cada indivíduo.

Com a intencionalidade do fazer musical, o ensino por meio da música se torna, então, não apenas um recurso para o relaxamento ou descontração, mas algo prazeroso que se envolve em um contexto maior de planejamento, observações e práticas pedagógicas que levam ao desenvolvimento de aspectos como psicomotricidade, socialização e linguagem. Estes aspectos tornam o uso da música essencial no âmbito da Educação Infantil, como forma de proporcionar livre interação e expressão das crianças, além de registrar e exprimir traços próprios da cultura local em que elas convivem, possibilitando o transcender rítmico. Para tanto, o próximo capítulo discorre sobre aspectos relevantes acerca do desenvolvimento infantil, considerando que este trabalho monográfico aborda a linguagem como aspecto norteador da relação entre música e infância.

2. DESENVOLVIMENTO INFANTIL: A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM.

As crianças são seres dotados de possibilidades de aprendizagem que se desenvolvem cognitivamente e socialmente a partir de sua interação com outras pessoas e com o meio cultural, geográfico e social que as cercam.

O desenvolvimento infantil é um aspecto importante no processo de ensino e aprendizagem, seja este processo institucionalizado ou não. Buscando compreender tal aspecto, este capítulo propõe um estudo sobre alguns pontos relevantes do desenvolvimento da criança como cognitivo e social, considerando para tanto a construção da linguagem nesse crescimento. Estudos feitos por especialistas na área remontam características relevantes que ofertam visões para o desenvolvimento da criança que favorecem a construção de sua linguagem na interação com o ambiente externo.

Observa-se no Parâmetro Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) que:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelecem. Se as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultas ou crianças, elas também dependem dos recursos de cada criança. Dentre os recursos que as crianças utilizam, destacam-se a imitação, o faz de conta, a oposição, a linguagem e a apropriação da imagem corporal (p.22).

Bee (2003, p. 30) respalda essa ideia ao mostrar que, ao compreendermos o desenvolvimento infantil, “precisamos examinar tanto a natureza como o meio ambiente, tanto a biologia como a cultura, e o modo como elas interagem para explicar a consistência e a mudança”.

Neste ponto, temos importantes contribuições de pesquisadores como, Jean Piaget, Henri Wallon e Lev Vigotsky, que estudaram o desenvolvimento da criança, considerando seu contato com o mundo sociocultural e, a partir de estudos

no campo da psicologia, traçaram pontos fundamentais de comparação do desenvolvimento do ser humano que ainda são referências para novos estudos, como os das atuais neurociências.

Faz-se necessário, portanto, uma reflexão sobre como se desenvolve a criança e em seus aspectos cognitivo e social, e como se dá a construção da linguagem, pautando-se nos estudos dos autores citados.

2.1 Desenvolvimento da personalidade, cognitivo e social na primeira infância (zero a três anos de idade)

Sabemos que o desenvolvimento infantil considera uma sequência progressiva nas transformações que resultam de uma interação com o meio, do recebimento de estímulos apropriados, e também do funcionamento das células e a maturação dos sistemas e órgãos cerebrais.

Wallon (2007), ao abordar os estudos sobre o desenvolvimento infantil, percebe uma relação entre o plano motor e o plano psíquico, integrando a razão e a emoção. A criança parte da sensibilidade orgânica para a sensibilidade emocional, sendo esta sua primeira forma de consciência. O desenvolvimento, para esse autor, engloba aquilo que a criança capta do ambiente e a maturação orgânica, ou seja, uma perspectiva psicogenética. Dessa forma, o desenvolvimento infantil parte das raízes orgânicas para situar-se num contexto cultural e social.

Esse autor ainda postula que o desenvolvimento da criança se dá por atividades a serem construídas na relação com o ambiente: motora, cognitiva, lúdica, perceptiva e evolução do 'eu'. Dessa forma, estabeleceu estágios nos quais essas atividades dar-se-iam, não necessariamente obedecendo a uma determinada faixa etária, mas sim, o aspecto a ser construído no decorrer da atividade pela criança, tendo então aspectos básicos para passagem ao estágio sucessor.

Para este autor, o desenvolvimento infantil se inicia com o estágio impulsivo puro caracterizado pela atividade motora reflexa. Em seguida, o estágio emocional, orientado para o ambiente onde a criança partilha suas emoções com os adultos. No estágio sensório-motor, há o descobrimento do mundo e das coisas, surgindo então a linguagem. O estágio projetivo ocorre quando o ato motor é acompanhado de uma representação mental, ou seja, o pensamento é projetado para o mundo externo. Em seguida, o estágio do personalismo nos mostra que a

criança reconhece sua própria personalidade independente das situações, se percebendo como um ser único. Finaliza com o estágio da adolescência que, para o autor, separa a infância da idade adulta, havendo o descobrimento da vida social, dos valores morais e espirituais (WALLON, 2007).

Vê-se, por conseguinte, ilustrada a complexidade do estudo da infância e seu desenvolvimento, observando as particularidades dos indivíduos como também seu contexto social e cultural que precisam ser considerados neste processo de desenvolver-se.

Ainda nessa perspectiva de entender alguns aspectos relevantes do desenvolvimento infantil, discorre agora sobre as contribuições de outro teórico, Piaget (1994). Esse autor destaca o desenvolvimento da criança como um processo continuado de mudanças na construção do conhecimento dentro de esquemas e etapas desse desenvolvimento, como é descrito por Nitzke, Campos e Lima (2012):

Para Piaget, o desenvolvimento cognitivo é um processo de sucessivas mudanças qualitativas e quantitativas das estruturas mentais (esquema). A construção do conhecimento ocorre quando acontecem ações que provocam o desequilíbrio no esquema, necessitando dos processos de assimilação e acomodação para a construção de novos esquemas e alcance do equilíbrio (p.02).

Nessa perspectiva, Piaget (1994) inicia suas indagações, acerca do desenvolvimento infantil, escrevendo que há um processo de equilibração, que é a forma como o indivíduo lida com a realidade na tentativa de compreendê-la, organizando seus conhecimentos em sistemas integrados de ações com a finalidade de adaptação. A esse sistema integrado de ações ele denominou de esquemas que são padrões organizados de comportamento (externo) e pensamento (interno). E a adaptação nada mais é que o ajustamento ao meio ambiente pela criança. E na busca desse ajustamento, adaptação ao meio, a criança passa por estágios nos quais vai construindo e aperfeiçoando sua capacidade de adaptação.

O primeiro estágio é o sensório-motor, em que a criança desenvolve o conceito de permanência dos objetos, torna-se capaz de uma imitação diferida e adquire representações mentais cada vez mais complexas. O período seguinte é o pré-operatório, durante o qual a criança é capaz de formular pensamento representativo, mas carece das operações mentais que ordenam e organizam esse pensamento. Ainda existe certa limitação para conceitos de conservação e

quantidade, bem como o egocentrismo, além de não conseguir ter em conta o ponto de vista do outro. Depois, o período das operações concretas, em que a criança manipula as representações mentais (pensamentos), adquire conceitos de conservação, semelhança, seriação e ordem. Por fim, o período das operações formais, quando aparece o pensamento dedutivo com formulações de hipóteses e abstrações. Esses estágios são sequenciais e seguem idades mais ou menos determinadas, no entanto, esse autor prioriza o processo e não a faixa etária (PIAGET, 1994).

Outro teórico a ser destacado, quando se refere ao desenvolvimento infantil, é Vygotsky (2007). Esse autor entende a criança como um ser social cujo desenvolvimento se dá no convívio com outros seres humanos, em espaço e tempo determinados. Traz um olhar histórico e dialético para o desenvolvimento infantil.

Segundo Vygotsky (apud Griz, 2003), é possível observar que:

A aprendizagem da criança se dá pelas interações com outras crianças de seu ambiente, que determina o que por ela é internalizado. Na internalização, todos os processos intrapsíquicos - as formas de funcionamento cognitivo dentro do sujeito - se constroem a partir dos processos intersíquicos, ocorridos pela vivência entre os sujeitos do mesmo grupo cultural. O que faz com que, paulatinamente, haja um processo de construção de estruturas linguísticas e cognitivas pelo sujeito e que é mediado pelo grupo (p. 01).

Griz (2003), ao estudar Vygotsky, nos mostra que o desenvolvimento e a aprendizagem da criança se realizam num contexto de interação social, onde ocorrem as transformações via emprego de instrumentos físicos e simbólicos. É na vivência no meio humano, na atividade instrumental, na interação com outros indivíduos, que o desenvolvimento acontece. Afirma ainda, que essa relação da criança com o objeto e com o ambiente, nesse processo de desenvolver-se, precisa ser mediada pela linguagem.

Vygotsky (2007) coloca que a linguagem é o próprio meio através do qual a reflexão e elaboração da experiência, vivenciada pela criança, se tornam um processo pessoal e, ao mesmo tempo, fundamentalmente social. Para ele a fala humana atua na organização, unificação e integração de aspectos variados do comportamento da criança, tais como: percepção, memória, resolução de problemas. E é a linguagem que diferencia o ser humano dos demais animais, pois

leva as funções psicológicas primárias para um nível superior. Ou seja, um pensamento antes primitivo no nível de instinto, se torna mais complexo e mais evoluído.

Deste modo, sendo um dos objetos de estudo deste trabalho a construção da linguagem, a próxima seção discorrerá como a mesma é construída dentro do contexto em que se desenrola todo o seu desenvolvimento como ser integrado e ativo na sua própria formação sociocultural.

2. 2 Desenvolvimento da linguagem na primeira infância (zero a três anos de idade)

O desenvolvimento do ser humano se dá de forma gradual e, no que se refere à linguagem, isso não seria diferente. Tendo início a linguagem, ocorre também uma maior interação da criança com o meio em que está inserida, permitindo expandir essa interação com outras pessoas e com o mundo que a cerca.

Observando uma criança já com poucos meses de nascimento, é possível notar que esta utiliza o balbuciar para interagir com os demais, promovendo diálogos primários, não ainda intencionais e sim, mais reflexos do que ação espontânea.

Concordando, Wallon (2007) vem dizer que:

O começo da fala na criança coincide com um intenso progresso de suas capacidades práticas que tornou particularmente notável a comparação de seu comportamento com o do macaco. [...] [...] é certo que a linguagem ainda está muito no começo para autorizar a hipótese de uma instrução interna ou de alguma enumeração mental. Trata-se da aptidão para imaginar entre objetos percebidos um deslocamento, uma trajetória, uma direção que não são visíveis. Ela só é possível se a visão, em vez de estar totalmente absorvida pelos próprios objetos, os distribui sobre um esboço imaginário de posições, estáveis e solidárias (p. 154).

Deste modo, ao dominar a linguagem, a criança foge das limitações do pensamento através da resolução de problemáticas que vão se impondo, chegando mais próximo do conceito real, usando as suas capacidades cognitivas na organização das ideias a partir de comparações que a linguagem lhe permite.

Vygotsky (2007) respalda esse preceito afirmando que a criança consolida ou faz uma ligação entre o que já sabe e o que irá aprender, tendo no

desenvolvimento da linguagem uma forma de interagir com outros interlocutores e a obtenção de troca de experimentações. A aquisição da linguagem dota a criança de um novo elemento de interação com o meio e as pessoas com as quais convive, permite e possibilita trocas úteis de aprendizagem.

Para Piaget (1994) é a linguagem que permite que a criança passe do campo da percepção para o campo da conceituação; da fala egocêntrica dos primeiros anos (período sensório motor) para a fala social.

Valmaseda (apud Cool, Marchesi e Palacios, 2004) concorda com esses teóricos e ainda destaca que a aquisição da linguagem pela criança começa no período pré-verbal, em que, até os dois meses é possível observar que a mesma mostra preferências e formas de interação com as pessoas através de “contatos oculares, sorrisos, balbucios e alternâncias nas expressões” (p. 73). A partir dos oito meses a criança já começa a comunicar seus desejos aos adultos para que estes os realizem e, até os doze meses, já se torna interlocutora não só de seus desejos, mas é capaz de compartilhar certas informações.

Respalda essa ideia a autora Bee (2003), quando relata que:

A linguagem não é apenas uma coleção de sons. Bebês muito jovens fazem vários sons diferentes, mas nós não achamos que eles já estejam usando a linguagem, pois não parecem usar esses sons para se referir a coisas ou a acontecimentos (isto é, eles não usam os sons como símbolos) e não combinam sons individuais em ordens diferentes para criar significados variados (p. 259).

Assim, pode se afirmar que a criança produz sons desde muito pequena, mas para que se haja uma linguagem que permita comunicação será necessário passar por diferentes etapas, segundo Bee (2003) e Valmaseda (apud Cool, Marchesi e Palacios, 2004).

Percebe-se a existência de uma fase pré-linguística que começaria nos meses que antecedem a primeira palavra e que está intermediada pelas fases de balbucio, linguagem gestual (9 ou 10 meses de idade), linguagem receptiva (9 a 13 meses de idade), que seria “a passagem do balbucio para os sons da linguagem ouvida, os jogos gestuais imitativos e o início do entendimento das palavras” (BEE, 2003, p. 261). Após esta transição, a criança passaria para as primeiras palavras que, segundo esta autora, não seriam necessariamente “uma palavra, como os linguistas normalmente definem” [...] “mas ela pode ser qualquer som” (p. 261).

A autora aponta ainda que:

Essa aprendizagem inicial das palavras costuma ser muito lenta, exigindo muitas repetições de cada uma delas. Nos primeiros seis meses de uso das palavras (entre 12 e 18 meses de idade), as crianças podem aprender cerca de 30 palavras (BEE, 2003, p. 262).

Deste modo, tanto para Bee quanto para Valmaseda, será perto dos dois anos de idade que a criança demonstra a aquisição de linguagem mais elaborada, o que acontece gradualmente a partir da internalização de elementos formais da linguagem como a fonologia, a morfologia e a sintaxe.

No sentido morfológico e sintático, por exemplo, até os três anos de idade a criança deve ter uma “aquisição clara de estrutura de frases simples, enriquecimento dos sintagmas (nominal e verbal) e desenvolvimento de uma grande variedade de marcas morfológica” (VALMASEDA, apud COOL, MARCHESI E PALACIOS, 2004, p. 75).

Ainda, segundo essa autora, o desenvolvimento semântico da linguagem da criança está dividido em três fases: fase 1 – pré-léxica (10-20 meses); fase 2 – símbolos léxicos (16-24 meses); fase 3 – construções de relação (19-30 meses). Durante estas três fases se desenvolvem desde as emissões dos primeiros sons sem significado até o uso das palavras como símbolos, o uso dos nomes pela criança e as regras léxicas ou semânticas iniciais para combinar conceitos às palavras.

E sobre o uso dos nomes, Bee (2003) destaca que:

Durante o período inicial do rápido aumento do vocabulário, as crianças aprendem principalmente nomes para as coisas ou pessoas, como bola, carro, leite, cachorrinho, ele ou aquilo. Verbos, por exemplo, tende a se desenvolver em momentos posteriores, talvez porque nomeiem relacionamentos entre objetos, em vez de um único objeto (p. 263).

A criança vai gradativamente desenvolvendo suas habilidades comunicativas e permitindo usos diversos da linguagem que podem ser desenvolvidas por outros interlocutores, principalmente na idade escolar. Corroborando, Valmaseda (apud Cool, Marchesi e Palacios, 2004) pontua que:

As habilidades constituem uma categoria aberta, não havendo um número limitado delas. Evoluem com a idade e, diferente das funções, constituem um sistema de categorias aberto. À medida que a criança participa com interlocutores mais experientes que ela de situações comunicativas cada vez mais complexas e diversas, suas habilidades comunicativas também vão diversificando-se e enriquecendo para fazer frente às novas exigências (p. 78).

É possível observar que os contatos com outras pessoas e os diferentes estímulos trazem importante contribuição para a aquisição de linguagem e para seu aperfeiçoamento, sejam no ambiente familiar ou em outros contextos externos como as CMEIS ou escolas.

E, neste contexto, temos os espaços como os CMEIS (Centro Municipal de Educação Infantil), que buscam cuidar e promover o desenvolvimento das crianças de modo integral. No que se refere à linguagem, estes espaços podem, através de atividades intencionais como o uso de música, estimular as habilidades comunicativas já adquiridas pela criança.

No entanto, é preciso destacar que o desenvolvimento da linguagem não é homogêneo em todas as crianças e, em alguns casos, é possível observar que algumas crianças têm até mesmo atrasos significativos na aquisição da linguagem, trocando palavras ou omitindo sons, sejam por disfunções biológicas, dificuldades articulatórias, dentre outros, que não são aprofundados neste trabalho, mas de modo geral, muitos destes casos podem ser minimizados com o uso da música.

Abordar-se-á, desta forma, no próximo capítulo, de modo mais generalizado, aspectos de aquisição de linguagem e as contribuições que a música pode trazer para esta melhoria através de estudos teóricos com crianças que não demonstram comprometimentos neurológicos ou biológicos.

3. CONTRIBUIÇÕES DO USO DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS DE IDADE

No processo de aquisição de linguagem, não só os seus conceitos formais são consolidados, mas também a aquisição de significados que este desenvolvimento traz, isto é, o uso de sons simples pode estar ligado à representação de significado a um objeto ou ser de seu convívio.

A criança vai, gradativamente, desenvolvendo suas habilidades comunicativas e permitindo usos diversos da linguagem que podem ser desenvolvidas por outros interlocutores, principalmente na idade escolar. Para Valmaseda (apud Cool, Marchesi e Palacios, 2004):

As habilidades constituem uma categoria aberta, não havendo um número limitado delas. Evoluem com a idade e, diferente das funções, constituem um sistema de categorias aberto. À medida que a criança participa com interlocutores mais experientes de situações comunicativas cada vez mais complexas e diversas, suas habilidades comunicativas também vão diversificando e enriquecendo para fazer frente às novas exigências (p. 78).

Neste contexto, vê-se a linguagem como a interiorização da realidade que nos cerca e que permite representar e manipular essa realidade, desenvolvendo seu potencial criativo e podendo ser estimulado com técnicas diferentes, como o uso da música.

Essa autora continua definindo o uso da linguagem como:

Uma representação interna da realidade construída que utiliza um meio de comunicação compartilhado socialmente. Em outras palavras, uma pessoa que desenvolveu a linguagem codificou e interiorizou uma variedade de aspectos da realidade, de modo que pode representar para outras informações relacionadas como objetos, pessoas, ações, qualidades e relações desvinculadas do 'aqui e agora' (VALMASEDA, apud COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004, p. 73).

Assim, a criança passa por processos de codificar e internalizar diferentes aspectos da realidade que se consolidam com ações como a expressão da linguagem. E completa a autora que:

Portanto, pode-se dizer que a linguagem é: a) um sistema de signos organizado em diferentes códigos arbitrário e compartilhado pelo

grupo; b) com o objetivo de se comunicar com os outros; c) que permite manipular mentalmente a realidade na ausência dela. A propriedade mais importante da linguagem é seu potencial criativo (VALMASEDA, apud COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004, p. 73).

Buscando desenvolver não só o vocabulário da criança, mas também seu potencial criativo, as atividades que envolvem música permitem às crianças inúmeras possibilidades de se expressar e interagir com o mundo que as cercam.

Considera-se, dessa forma, a música como importante instrumento para expressão através da linguagem, observando que:

Vários instrumentos de notação, os quais buscam representar os ritmos naturais, como os ritmos do coração, da emoção, do andar, da respiração, entre outros fenômenos. A música é expressão cultural, da linguagem do coração, da emoção, mas também de uma lógica nem sempre matemática, mas, muitas vezes, expressa por ela. As melodias estão presentes em todo tipo de cultural, talvez com tons, com harmonias, com ritmos diferenciados, mas sempre existem (PARIZ, RODRIGUES E SILVA, 2003, p. 60).

Os autores apontam ainda os pontos notacionais da música mas, além disso, mostram como a música presente em todas as culturas, permite a aquisição e ampliação da linguagem.

Citando a teoria de Gardner, Pariz, Rodrigues e Silva (2003), descrita como a teoria das inteligências múltiplas, tem como uma das sete formas de inteligência da criança, a musical, na qual, de acordo com esse autor, "a criança pequena com habilidade musical espacial percebe, desde cedo, diferentes sons no seu ambiente e, frequentemente, canta para si mesma" (p. 87).

Neste contexto, o estímulo musical seria fator construtivo e consolidativo da linguagem na criança, mesmo ainda em idade anterior aos três anos de vida.

Lembrando os estudos de Jeandot (1997), destacam-se a importância e a influência da música no desenvolvimento da criança, os jogos ritmados adequados aos primeiros anos de vida, o trabalho e o incentivo que a escola propicia. Essa autora ressalta que "ao adulto caberá compreender em que medida a música constitui uma possibilidade expressiva privilegiada para a criança, uma vez que atinge diretamente sua sensibilidade afetiva e sensorial" (p.20).

Neste cenário, a autora ainda pontua que não se trata de ensinar a música como método musical, mas sim que se faça, antes, atividades que permitam

à criança “construir seu conhecimento sobre a música” (p. 20). A partir daí, a criança desenvolve seu senso musical e não meramente os aspectos técnicos da música. Propõem ainda que a criança seja estimulada no ensino, utilizando a música, o desenvolvimento da escuta sensível e ativa, o que lhe favoreceria na forma de vivenciar os estímulos musicais.

As observações da autora citada permitem pontuar a importância que a música tem no meio infantil e de como é motivadora do processo de aquisição da linguagem e da sua tomada de significado, visto que, desde o início da linguagem, a música está ligada ao universo infantil.

É legítimo perceber que, no contato da criança com o mundo e pessoas que a cercam, há o estímulo à linguagem que, de início, é simples, passando depois para o balbúcio e depois para as nomeações dos objetos e coisas que rodeiam a criança. Estas nomeações e balbúcios muitas vezes estão ligados à música (cantigas infantis) que são apresentadas à criança por seus pais ou cuidadores.

Nos CMEIS (Centro Municipal de Educação Infantil), por exemplo, é possível observar respostas das crianças a cantigas repetidas diariamente e que se ligam a ações concretas como a chegada da hora do lanche, do banho, das refeições, da historinha, entre outras. Uma música pode favorecer o ensino de palavras e letras para as crianças que estão iniciando a transição do balbúcio para as primeiras palavras e sua ligação com o significado concreto (BEE, 2003; VALMASEDA, APUD COLL, MARCHESI E PALACIOS, 2004).

Nesse contexto, de acordo com Brito (2003), “o melhor caminho a seguir é observar e respeitar o modo como os bebês e crianças exploram o universo sonoro e musical” (p. 36). Ainda buscando entender esse aspecto, a autora relata que:

As brincadeiras cantadas infantis são talvez uma das primeiras manifestações do jogo musical com regras. Trata-se de fazer entrar uma frase em um molde rítmico, e essa conduta é bastante comparável àquela que consiste, quando a gente passeia na calçada, em evitar andar sobre as linhas da pavimentação, conduta muito sofisticada encontrada no jogo de amarelinha (BRITO, 2003, p. 40).

Nesse raciocínio, a criança busca um molde rítmico que reflete a organização linguística que a mesma precisa fazer para manifestar-se oralmente,

visando acompanhar, através das suas possibilidades e habilidades linguísticas já adquiridas, o ritmo e a melodia da música proposta pelo interlocutor adulto.

Nas crianças com poucos anos de vida, mas com um pouco de desenvolvimento da linguagem, é possível notar momentos em que ela tenta seguir, mesmo com balbucios, a letra e ritmo da canção de ninar que lhe é cantada para estimular o sono. Brito (2003) ainda salienta:

Muitas crianças de dois a três anos de idade acompanham uma canção com movimentos regulares, seguindo o pulso, sem que isso seja um critério organizador para elas, que podem desviar-se e passar a acompanhar a mesma canção de forma métrica, sem a consciência do que isso implica do ponto de vista musical. O que está em jogo, então, é sempre a questão da consciência (p. 41).

A autora destaca também a ligação entre a aquisição da linguagem escrita com o aumento do repertório musical e vice versa, sendo que, à medida que ocorre a ampliação do domínio verbal e escrito também se amplia os campos do domínio da expressão musical e domínio de seus elementos. O que não indica a ausência de uma intervenção educativa do adulto.

3.1 Ações educativas e o uso intencional da música como elemento de contribuição para a aquisição da linguagem com crianças até três anos de idade

Muito comum, hoje em dia, as mulheres participarem do mercado de trabalho e seus filhos ficarem boa parte do dia sob o cuidado de outras pessoas, como os espaços educacionais CMEIS (Centro Municipal de Educação Infantil).

Estes espaços são hoje organizados, principalmente pelo poder público, e contam com profissionais, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) que devem “garantir o desenvolvimento integral de crianças de zero a cinco anos de idade” (p. 21).

Ainda de acordo com estas diretrizes, em todas as etapas de sua vida a criança deve ser assistida e ter direito a complementação da educação e preceitos socioculturais recebidos na família. E, tendo em vista os objetivos que se pretende alcançar, o professor ou cuidador pode fazer uso de diferentes possibilidades com a música para estimular a construção da linguagem.

Concordando com essa proposta Jeandot (1997) escreve que:

Experiências demonstram que, desde a idade de 1 ano, aproximadamente, a música incita o bebê a se balançar, embora não haja sincronização entre o ritmo da música e o balanço. Por volta dos 3 ou 4 anos de idade, essa sincronia se estabelece (p. 26).

A autora destaca a importante integração que a criança tem com os diferentes ritmos musicais desde o primeiro ano de vida e que vai se aperfeiçoando a medida que cresce. Deste modo a criança consegue “aos 2 anos cantar versos soltos, mesmo fora do tom e aos 3 anos reproduzir canções inteiras, mesmo fora do tom e reconhecer melodias variadas tentando tocar instrumentos musicais” (p. 63).

Contextualizando para o desenvolvimento da linguagem, esta autora ainda coloca que atividades como repetições de sons com a boca, cantigas de lengalenga juntamente com as cantigas de roda são muito importantes para ampliar o repertório vocal e compreensão do uso das palavras e frases.

Para ela as cantigas do folclore brasileiro como, Boi da cara preta, Bate palminha, Serra-serra, etc, estimulam a linguagem e as ações espontâneas das crianças como bater palmas, repetições sonoras e estímulos rítmicos. Também brincadeiras como ‘Atirei o pau no gato’ e ‘Samba crioula’ permitem variações de velocidade rítmica e entonação musical promovendo expressão de movimentos previsíveis e repetidos.

Além do estímulo vocal e da integração com os diferentes ritmos e sons musicais, ao se trabalhar estas brincadeiras sugeridas por Jeandot (1997), envolvendo música, lengalengas listadas acima se tem oportunidade para desenvolvimento e aquisição da linguagem pelas crianças até três anos, pois reproduzem sons comuns e ampliam suas percepções sonoras; permitindo, o que segundo Brito (2003) seria:

Dar às crianças a possibilidade de desenvolver sua expressão, permitindo que criem seus gestos, que observem e imitem os colegas e que, principalmente, concentrem-se na interpretação da canção, sem a obrigação de fazer gestos comandados durante todo o tempo (p. 93).

A música se torna então um elemento que contribui com o desenvolvimento da linguagem nas crianças de zero a três anos de idade, pois

estimula aspecto da oralidade, da gestualidade e da ligação entre nomes e seus significados. E nessa perspectiva a linguagem vai sendo construída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou a reflexão sobre o papel da música na Educação Infantil e a análise da mesma como um elemento de fundamental importância para o desenvolvimento da linguagem da criança.

A música sempre esteve presente na vida do homem, desde os primórdios, servindo como elemento das práticas rituais ou como expressão dos sentimentos e ações da vida cotidiana dos seres humanos. No entanto, o desenvolvimento dos ritmos e instrumentos musicais está diretamente ligado à evolução da espécie humana e às características culturais de cada povo, além do momento histórico em que estes se encontram inseridos.

No que se refere ao desenvolvimento da linguagem, esta antecede a música, mas também se liga diretamente a ela nos grupos humanos mais recentes. Enquanto o homem pré-histórico produzia sons e ruídos com a boca e com o bater de objetos para se comunicar, hoje muitas unidades de ensino utilizam a música como elemento pedagógico e com possibilidades de desenvolver a construção da linguagem em crianças de zero a três anos de idade.

Retomando a história da música e do próprio domínio da linguagem pelos homens passamos pelas histórias, grega e romana, onde pinturas milenares relatam a presença de instrumentos musicais e prática de músicas como forma de expressão da linguagem destes dois povos. Além destes, a Bíblia, que é um dos livros mais importantes da humanidade, também traz em seus textos, relatos do uso da música e sua função social.

No Brasil, hoje em dia, a música tem sido muito usada nas escolas e CMEIS como um elemento que contribui para a aprendizagem em diferentes campos e ciências. É tida como indispensável nas turmas de até cinco anos de idade, como nos mostra o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que trazem em seus objetivos e diretrizes apontamentos significativos para que a música se torne parte do currículo da Educação Infantil.

Mas o uso da música não deve se limitar ao ensino de métodos e técnicas musicais focando no mero aprendizado de manuseio de instrumentos musicais ou no ensaio de músicas para festividades no contexto escolar.

Estudiosos como Wallon, Vygotsky e Piaget, por exemplo, descrevem em seus estudos sobre o desenvolvimento da linguagem nas crianças e contribuições importantes do uso de elementos lúdicos como a música.

Destacamos também as cantigas de ninar, lengalengas e folclóricas com as quais a criança tem contato, desde seu nascimento e, por este motivo, podem ser usadas como forma de favorecer o desenvolvimento das mesmas no aspecto da linguagem, como pode ser observado nos estudos de Valmaseda, Brito, Jeandot e Bee, dentre outros que abordam o desenvolvimento da criança, em especial no campo da linguagem envolvendo a música.

É preciso destacar que, à medida que a criança se desenvolve sociocognitivamente, também se desenvolve a maneira de entrar em contato com as formas de ensino e aprendizagem, isto é, quanto maior se torna seu vocabulário e capacidade de integração com o mundo que a cerca, maiores são as possibilidades de desenvolvimento da linguagem oral e escrita desta criança.

Deste modo, é imperativo que a criança receba, sempre que possível, estímulo para que possa ampliar seu vocabulário, suas habilidades de uso e apropriação da linguagem. Destacando a importância de uma aprendizagem lúdica e prazerosa que se torna possível com o uso da música, principalmente de músicas ligadas à cultura e vivência das crianças.

De acordo com as pesquisas bibliográficas realizadas, é legítimo concluir que a música contribui com a aquisição da linguagem nas crianças de zero a três anos, na Educação Infantil, de modo que, quando bem orientada e trabalhada, suas possibilidades de sucesso na busca deste objetivo são ainda maiores.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.

ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia Sagrada**. Revista e Corrigida. ed. 1995. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. V. 3.

_____, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008**.

BRÉSCIA, V. L. P. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas de formação integral da criança**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2002.

GAINZA, V. H.. **Estudos de psicopedagogia musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GRIZ, Maria das Graças Sobral. **A relação entre o desenvolvimento cognitivo e aprendizagem**. Recife, jul. 2003. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=431>>. Acesso em: 09 jul. 2014.

JEANDONT, Nicole. **Explorando o universo da música**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

LDBEN, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Texto pdf. Disponível em: <portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 26 abr. 2014.

LOUREIRO, Alicia M. de Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papirus, 2003. ISBN 85-308-0700-6

NITZKE, J. A.; CAMPOS, M. B.; LIMA, M. F. P. **Desenvolvimento cognitivo por Jean Piaget**. Porto Alegre, agosto. 2012. Disponível em: <<http://penta.ufrgs.br/~marcia/teopiag.htm>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

PARIZ, Josiane Domingas Bertoja; RODRIGUES, Almir Sandro; SILVA, Ana Tereza Reis da (orgs.). **Teorias da aprendizagem**. Curitiba: IESDE, 2003.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994.

ROSA, Nereide Schilaro Santo. **Educação musical para a pré-escola**. 1ª ed. São Paulo: Ática 1990.

VALMASEDA, Marian. Os problemas de linguagem na escola. In: COOL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jésus (orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. ed. Porto Alegre : Artmed, 2004.

ROSCHEL, Renato. História da Música. **Almanaque da Música / Folha**. Portal UOL. São Paulo, abril, 2012. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/musicaoquee.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.